timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO XIII PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 143 DEZEMBRO 1997

OS SEQUESTRADOS DE JACARTA

Há quase três meses que o governo indonésio retém na Embaixada da Áustria, em Jacarta, 6 pessoas. Diz que dois deles são "terroristas".

No dia 19 de Setembro último, três timorenses - Avelino Maria Coelho da Silva, Nuno Vicente Pereira Saldanha e Custódio de Jesus Belo - uma indonésia - Sabina, casada com Avelino Coelho - e duas crianças - Didina de 5 e Adel Sea de 6 anos de idade, filhas de Sabina e Avelino - entraram na Embaixada da Áustria em Jacarta e pediram asilo político. Mas, contrariamente aos casos anteriores de "invasão" de embaixadas, em que as autoridades indonésias facilitaram a saída para Portugal dos "invasores", desta vez o regime de Jacarta não só se opôs à sua saída como iniciou um processo de pressão sobre o governo austríaco para que lhe entregasse os refugiados, alegando que os mesmos eram «*terroristas*» fazendo parte de uma rede desmantelada pela polícia.

O REBENTAR DA BOMBA

No dia 13 de Setembro uma bomba de fabrico caseiro explodiu numa casa em Demak, um subúrbio de Semarang, uma cidade no centro de Java. A casa tinha sido alugada por três timorenses e as autoridades indonésias lançaram de imediato uma operação que levou à prisão de, pelo menos, nove timorenses. No dia 15, em Díli, mais 4 timorenses eram presos, 2 dos quais quando desembarcavam vindos de Bali. De acordo com as autoridades de ocupação, estes transportariam 11 bombas rudimentares (mais tarde o número seria elevado para 20) e munições para armas automáticas, além de cartas do Comandante Xanana Gusmão - presentemente a cumprir uma pena de 20 anos de cadeia em Cipinang - para a direcção da luta no interior do território.

Foi na sequência desta onda repressiva que os seis procuraram refúgio na embaixada da Áustria.

UMA LONGA TRADIÇÃO NACIONALISTA

Avelino Maria Coelho da Silva é filho de um casal com uma longa, e trágica, tradição de empenhamento nacionalista.

O seu pai, Adelino da Silva, é enfermeiro e, nos três anos que se seguiram à invasão indonésia, esteve no mato, sob a orientação da FRETILIN, onde recebeu a tarefa de formar jovens para prestar os primeiros socorros na frente de batalha. Durante esse período formou cerca de 60 jovens. Em 1979 ele e a sua família foram capturados pelas forças indonésias e no ano seguinte foi preso, pela primeira vez. Voltou a ser preso mais tarde e quando o libertaram expulsaram-no da função pública, onde entretanto tinha começado a exercer a sua profissão. Sobreviveu durante mais de 9 anos graças ao apoio da Igreja Católica, em cujas instituições encontrou trabalho, e à pratica pontual e privada da enfermagem. Chegou a Portugal, acompanhado da esposa e de parte dos seus filhos, em Setembro de 1993.

O casal teve dez filhos, educados no conhecido Externato de S. José. O mais velho, Natalino, seminarista, foi preso em 1980 com dezenas de outros jovens. Tinha então 19 anos de idade. Os pais souberam apenas que lhe tinham cortado uma orelha, mas não puderam visitá-lo. Desde então, nunca mais tiveram notícias do seu paradeiro. Dos outros, 5 estão em Portugal (são estudantes) e um encontra-se em Macau. Na Indonésia, além de Avelino, está ainda Domingos Natalino, com 18 anos, que faz parte do grupo preso em Semarang e relativamente ao qual não têm nenhuma notícia, apesar de terem tentado contactá-lo através dos serviços da CICV.

Quanto a Avelino, agora o mais velho dos irmãos, estudou na Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidade Satyagama em Jacarta. Preso aquando da manifestação de 19 de Novembro de 1991 na capital indonésia, de protesto contra o massacre de St. Cruz ocorrido uma semana antes, foi libertado após assinar um compromisso de fidelidade para com a República da Indonésia. Organiza então a Fecletil, uma organização estudantil, e, mais tarde, participa na criação da

neste número:

OS SEQUESTRADOS DE JACARTA

O NOVO "EL DORADO"

Associação Socialista Timorense (AST), uma organização política reivindicando-se da herança da Fretilin dos primeiros tempos. Olhada a princípio com alguma desconfiança por sectores da Resistência, a AST, pelo trabalho desenvolvido, acabaria por ser reconhecida pelo CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere), vindo a integrá-lo em 1995.

TERRORISMO OU LUTA DE LIBERTAÇÃO?

A princípio as autoridades indonésias tentaram apresentar o Nobel da Paz Ramos-Horta como a fonte inspiradora dos jovens, utilisando uma fotografia encontrada com um dos presos em que os apresentava juntos, fotografia esta tirada durante as últimas Jornadas da Universidade do Porto sobre Timor Leste. Mas, em meados de Novembro, o diário australiano *Sydney Morning Herald* noticiou que Xanana teria escrito à embaixada austríaca assumindo a responsabilidade da feitura das bombas. «*Gusmão diz que os timorenses têm o direito de se defender dos militares indonésios, os quais têm vindo a ser armados por países de todo o mundo, e que não havia a intenção de utilizar as bombas contra alvos civis.*» (*SMH*, 14/10/97).

A divulgação desta notícia levou o regime de Jacarta a concentrar as suas atenções no dirigente máximo da Resistência timorense, tendo os serviços de segurança tentado interrogá-lo por diversas vezes, o que ele recusou sempre enquanto não fosse autorizada a presença do(s) seu(s) advogado(s). E nem a ameaça de desterro para a prisão de Nusa Kambangan o demoveu da sua posição.

Finalmente, na sua edição de 29 de Novembro o jornal *Gatra*, uma publicação ligada aos meios militares e que foi a primeira a noticiar o jantar Mandela/Gusmão, informava que Xanana tinha sido interrogado no dia 19 desse mês, na presença de Luhut Pangaribuan, um advogado do *PBHI* (*Perhimpunan Bantuan Hukum dan Hak Asasi Manusia Indonesia*, Associação Indonésia de Direitos Humanos e Apoio Jurídico).

Segundo este jornal, a equipa dos inquisidores era formada pelo ten.-cor. Kamalludin Lubis e pelo capitão Lolani, do QG da polícia indonésia, e pelo major Tambunan e o sargento Adrianus Amung, vindos de Díli.

Leiamos o *Gatra*: «*Como de costume, o Comandante Supremo das Falintil (a ala esquerda da Fretilin)* [sic] *tinha um ar elegante. Vestia uma camisa cor-de-rosa e umas calças cinzentas e pusera um discreto perfume. O interrogatório começou às 10 da manhã e prolongou-se até às 6 da tarde com uma pausa para almoço de uma uma hora, às 14h.*».

E mais à frente: «*Os investigadores fizeram-lhe cerca de 77 perguntas. De acordo com as notas tomadas por Luhut, perguntaram-lhe por nomes e mostraram-lhe fotografias de suspeitos do caso, tais como Ramos-Horta e Nino Konis Santana. Xanana admitiu conhecer ambos os nomes. Apresentou Horta como o representante do CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere) - o novo nome da delegação externa da Fretilin* [sic] . *Quanto a Konis Santana foi referido por Xanana como o seu substituto na luta contra a Indonésia. (...) Segundo Luhut, Xanana disse na ocasião que conhecia a maior parte das pessoas que estavam nas fotografias desde os inícios da luta em Timor Leste, em 7 de Dezembro de 1975.*»

Sobre a explosão em Semarang, «*Xanana, com firmeza, admitiu ter conhecimento do plano para preparar as bombas. Segundo ele, as bombas destinavam-se a auxiliar a guerrilha das Falintil na sua luta contra os militares indonésios. Além disso, acrescentou, sendo o comandante das Falintil e dirigente da luta, era o responsável pela iniciativa. Mas negou a acusação de terrorismo (...).*»

Para o *Gatra*, se o envolvimento de Xanana neste caso se provar, ele será de novo levado a tribunal e poderá enfrentar uma condenação à morte (*Gatra Magazine*, 29/11/97).

CAMPANHA E CONTRA-CAMPANHA

O governo indonésio desencadeou, de imediato, uma intensa campanha pública visando "persuadir" as autoridades austríacas a entregar-lhe os refugiados, e muito particularmente Avelino Silva e Nuno Saldanha que apresenta como os «*cérebros do grupo bombista*» (*AAP*, 4/11/97).

Numerosas figuras de proa do regime, a que foram associados alguns timorenses ligados ao aparelho político e à máquina administrativa, foram aparecendo, quotidianamente, nos meios de comunicação apelando ao governo de Viena para que os entregasse à "justiça".

A própria filha do Presidente Suharto, Siti Hardiyanti Rukmana, mais conhecida por Tutut, surgiu a encabeçar este movimento. «*Eles devem ser enviados a tribunal por qualquer violação da lei que tenham cometido*», disse ela aos jornalistas do seu país. «*Se se querem ir embora por não quererem viver na Indonésia, podem fazê-lo. Porém, se violaram a lei, devem primeiro ser condenados por isso.*» (*AAP*, 4/11/97). Tutut é a presidente da Associação de Amizade Indonésia-Portugal e co-presidente do *Golkar*, o partido do poder.

Também Lopes da Cruz, o timorense de mão do regime indonésio, apareceu na embaixada para tentar convencer Avelino e os seus companheiros a entregarem-se, oferecendo-lhes em troca a sua protecção (*The Canberra Times*, 24/11/97).

Mas campanhas a favor dos sequestrados foram também lançadas internacionalmente. Em Portugal, a CDPM dirigiu um apelo a cerca de trinta organizações da sociedade civil, no sentido de fazerem chegar ao Embaixador da Áustria em Portugal e ao MNE austríaco as suas preocupações relativamente à situação que se vive actualmente na Embaixada austríaca em Jacarta.

Até agora, destacam-se de entre as respostas que já nos chegaram, a adesão a esta iniciativa da Fundação *Pro Dignitate*, presidida pela Drª Maria de Jesus Barroso, da Fundação Mário Soares, da Associação Nacional de Municípios (que remeteu este apelo também para a Associação de Municípios austríacos e para a Associação de Cidades Austríacas, tendo esta última feito chegar o documento ao Parlamento austríaco) e ainda do Partido Comunista Português no Parlamento Europeu e do Partido Ecologista Os Verdes.

No dia 7 de Novembro uma delegação da CDPM teve um encontro com o Embaixador da Áustria em Portugal, Alfred Missong. Foi-lhe entregue a carta dirigida pela CDPM ao MNE austríaco. O embaixador assegurou que a actuação do seu Governo neste caso se pauta por um intransigente respeito pelos direitos humanos. Referiu, explicitamente, «*a procura de uma solução humana*». Questionado sobre se isso poderia significar a entrega dos refugiados perante garantias das autoridades de Jacarta de respeito de um certo padrão de "justiça", contornou a pergunta dizendo que elas já tinham feito essa proposta mas que o Governo austríaco queria uma «*solução humana*».

Lembrou o papel da embaixada do seu país aquando do golpe militar do Chile em Setembro de 73, em que acolheu mais de 60 pessoas e não tendo, se quer, um embaixador mas apenas um encarregado de negócios. «*Imagino o que o senhor terá passado a fazer sopa para aquela gente toda ...*», recordou.

O NOVO "ELDORADO"

A colonização de Timor Leste não interessa apenas aos militares indonésios. A exploração das riquezas do território tem outros interessados e conta com outros aliados.

Num estudo recentemente elaborado, o académico indonésio George Aditjondro faz uma análise da economia timorense à luz das relações de propriedade no território, pondo a nú a intensa promiscuidade existente em Timor Leste entre o poder político e os negócios.

O retrato de uma economia totalmente monopolizada e concentrada nas mãos de um reduzido grupo de privilegiados, em que pai, mãe, filhos e sobrinhos repartem o bolo, é esclarecedor. São também evidentes os interesses da família Suharto, intimamente associada aos seus agentes locais num vasto leque de iniciativas empresariais.

O que poderá explicar que o "apego" da Indonésia a Timor Leste talvez não parta só dos militares, como geralmente se afirma, mas dos níveis mais elevados do poder, isto é, do próprio ditador Suharto e seus familiares.

Reproduzimos abaixo alguns excertos desse estudo.

AS MALHAS QUE A ECONOMIA TECE

«Desde a queda em desgraça do general Benny Murdani, em 1992, os seus interesses económicos em Timor Leste (até aí reunidos sob a cobertura do grupo Batara Indra), foram sendo tomados por um novo grupo directamente ligado à família Suharto e à família do governador Abílio Osório, ele próprio um protegido do cunhado de Suharto, Prabowo Subianto. (...).

Na Indonésia e em Timor Leste, ser familiar de figuras políticas poderosas pode ser muito útil para os negócios.

É o caso de Gil Alves, um cunhado de Abílio Osório, que se tornou o principal associado de várias empresas pertencentes - ou ligadas - à "Primeira Família" indonésia.

Duas dessas empresas foram oficialmente inauguradas por Titiek Prabowo, a esposa de Subianto e segunda filha de Suharto, em Maio último. A primeira foi uma fábrica têxtil, a PT Dilitex; a segunda, uma indústria de refinação de sal, em Manatuto (...).

Além de dirigir estas duas empresas, Gil Alves também dá apoio a outros interesses comerciais da "Primeira Família", nomeadamente os ligados à produção de café instantâneo, propriedade da filha mais velha de Suharto, Tutut. (...).

Com a subida ao cargo de governador de Abílio Osório, outras empresas desta família começaram a expandir-se. A mais relevante é a PT Anak Liambau, que passou a "abocanhar" a maioria dos contratos de obras públicas, que anteriormente iam para o grupo Batara Indra. (...). Aquela empresa constituiu-se entretanto em grupo económico, desdobrando-se num conjunto de associadas, nomeadamente a PT Bina Prima Tana, a PT Citra Utama, a CV Taruna Karya, a PT Akam e a PT Bandung Raya. Os directores da maioria destas empresas estão associados a famílias de influentes funcionários públicos indonésios a trabalhar no Governo provincial de Timor Leste (...).

Todas estas empresas têm um traço em comum: desenvolvem projectos de obras públicas no valor de milhões de rupias, que frequentemente violam prazos, não pagam as devidas indemnizações por expropriação de terrenos e estão normalmente recheados de falhas técnicas. (...) A PT Anak Liambau foi fundada quando Abílio Osório era chefe do Departamento de Obras Públicas provincial e conta actualmente na sua Direcção com a esposa e a irmã mais nova do Governador, Natércia Osório.

Por fim, outra árvore das patacas para a família Osório é o controverso Hotel Díli, que é dirigido por outra das irmãs do Governador, Elsa Osório. O Hotel era propriedade de australianos, que abandonaram o território após a invasão e que tentam reavê-lo desde 1989, sem êxito. (...).

Esta nova tendência, desde a subida de Abílio Osório ao poder, é bem diferente dos dez anos de governação do anterior Governador, Mário Carrascalão, que esteve mais dedicado a erradicar a corrupção e que não favorecia a firma de construções da família, nos numerosos contratos públicos. (...).

Os interesses de Tutut Suharto no território têm vindo a diversificar-se do café e da cana-de-açucar para outros negócios, nomeadamente o cimento. No próprio dia da atribuição do Prémio Nobel, o jornal Asia Times anunciava em Banguecoque que a filha mais velha de Suharto e um "dirigente rebelde exilado" estavam na corrida para se tornarem sócios no primeiro investimento de vulto realizado em Timor Leste. (...) Esse "dirigente rebelde" é o antigo responsável da Fretilin, Abílio Araújo (...), actualmente um aliado íntimo de Tutut na sua campanha internacional em favor da integração.»

DOS JORNAIS

Já depois de George Aditjondro ter publicado este estudo, a imprensa indonésia divulgou a seguinte notícia:

«Depois de três anos de incertezas, o Gabinete Nacional de Planeamento (Bapenas) anunciou que tinha concedido autorização à PT TOR, controlada por Budi Prakoso, para construir uma grande fábrica de cimento em Timor Leste.

O atraso na decisão foi causado pela competição entre a TORR e uma companhia detida pela filha do Presidente Suharto, Tutut. A TORR ganhou a concessão porque era "económica e politicamente" a mais capaz, disse um porta-voz do Bapenas.

Aparentemente, isto significa que a TORR foi a mais generosa para os seus comparsas timorenses.

Uma participação de 49% na joint-venture de 480 milhões de dólares americanos foi "dada" a quatro figuras timorenses: o antigo dirigente da Fretilin Abílio Araújo (que vive em Portugal), o governador Abílio Soares, o embaixador itinerante Lopes da Cruz e o membro da Comissão Nacional dos Direitos Humanos Clementino Amaral (os dois últimos vivem em Jacarta).» (*Bisnis Indonesia*, 28/6/97).

TIMOR: VOZES NA DIÁSPORA...

Três novas publicações, produzidas por jovens timorenses,

surgiram recentemente em Portugal. No passado mês de Outubro, foi lançado o primeiro número de *A Voz Académica de Timor*, órgão informativo bimestral da Associação Académica dos Estudantes Universitários Timorenses (AAEUT). É totalmente redigido em português e tem como director o estudante de Direito, João Aparício Guterres.

A AAEUT, cujo aparecimento remonta a 1995, tem nos seus propósitos «*defender os interesses dos estudantes universitários timorenses com vista à sua formação e valorização cultural, científica, técnica, sócio-profissional e incentivar no mesmo sentido estudantes timorenses de outros níveis de ensino.*»

Da responsabilidade de um grupo de jovens timorenses, na maioria recém-chegados a Portugal, que frequentam o curso "Associação 12 de Novembro" promovido pela associação com o mesmo nome, é *O Caminho*, uma publicação quinzenal igualmente em língua portuguesa. Segundo os seus autores, o título da publicação deriva do facto de «*caminho*» significar a «*busca de Conhecimento*». «*O nosso objectivo é continuar a estudar para melhorar o conhecimento da língua portuguesa. A nossa vida em Portugal é um acto de Aprendizagem, forma de Expressão das nossas intenções*».

Finalmente, foi lançado o *Klosan-Lian - atu loke laran*, significando em tetum "a voz dos jovens - para abrir o espírito". É um boletim totalmente redigido em tetum, produzido por jovens refugiados recém-chegados a Portugal e tem em vista suprir as dificuldades que muitos desses jovens sentem em obter informação, já que a maior parte desta é veiculada em português, de difícil compreensão para eles.

Por outro lado, foi lançada oficialmente no passado dia 24 de Novembro a primeira obra do escritor timorense Luís Cardoso, entitulada "Crónica de Uma Travessia - A época do Ai-Dik-Funam". Editado pelas Publicações Dom Quixote, este livro de 160 páginas é, segundo o autor, «*a minha travessia do encantamento aos dias da ira. Um conjunto de relatos (...), desde a infância, até ao momento em que o imaginário construído se confronta com a realidade.*».

... E CONGRESSO EM MARCHA

Realizou-se no passado dia 30 de Novembro, na Faculdade de

Psicologia da Univ. Lisboa, uma "Reunião alargada para a preparação do I Congresso Nacional Timorense na Diáspora".

Presidida por Roque Rodrigues, representante da Resistência em Portugal, a sessão foi preenchida pela leitura - em português e em tetum - da carta que o Comandante Xanana Gusmão enviou ao Padre Francisco Fernandes, presidente do Grupo de Macau, sobre o Congresso timorense, pela apresentação do vídeo onde o Comandante Konis Santana dirige uma mensagem aos seus compatriotas na diáspora, e pelas intervenções de Domingos Sarmento, em nome da juventude timorense, e de Roberto Jerónimo, em nome da Associação dos Ex-Presos Políticos Timorenses.

«*O que tem vindo a dividir a comunidade timorense reside, infelizmente, na percepção estratégica sobre a luta. Nunca estaríamos/estaremos capazes de pôr fim aos sofrimentos do nosso povo, se não partissemos/partirmos por adquirir um pensamento comum que conduza os nossos actos numa verdadeira coordenação de esforços e capacidades*», escreveu Xanana na sua mensagem.

REINO UNIDO: TIMORENSES PRESOS

No dia 21 de Novembro último, o tribunal de Lytham (perto de

Liverpool), decidiu punir 6 jovens timorenses vivendo naquele país com mais 7 dias de prisão. Estes jovens recusaram-se mais uma vez a identificarem-se perante o tribunal, depois de terem sido presos em 12 de Novembro, no decorrer de uma manifestação pacífica, no interior da fábrica de material de guerra da *British Aerospace* (responsável pelos caças *Hawk*), para marcarem o 6º aniversário do massacre de St. Cruz.

Numa declaração dirigida ao tribunal, um porta-voz dos jovens afirmou que «*nós permanecemos em silêncio perante este tribunal porque estamos a actuar em solidariedade e recordação do 1/4 de milhão de mortos e desaparecidos no nosso país. Somos tratados como criminosos enquanto aqueles que ajudam e promovem o genocídio, como a BA, são ignorados pelo sistema legal inglês. Pedimos ao tribunal que nos liberte e que inicie imediatamente uma investigação sobre o papel da BA no genocídio do nosso povo.*».

CANADÁ: APELO SINDICAL

Preocupado pela situação em que se encontra o dirigente sindical

Muchtar Pakpahan, o sindicato canadiano de trabalhadores de Correios (CUPW) escreveu em Setembro ao MNE indonésio, Ali Alatas, exigindo a sua «*libertação imediata e incondicional (...) e de todos os outros detidos, presos somente pela expressão não-violenta das suas ideias*», a «*permissão de deslocação ao estrangeiro de Pakpahan de forma a receber tratamento médico*» e «*o reconhecimento das organizações sindicais independentes e o fim da repressão de sindicalistas empenhados nas suas actividades*».

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-2ª E, 1050 Lisboa, Tel.: 3172860, Fax: 3172870
E-mail: cdpm@gn.apc.org; URL: http://cygnus.ci.uc.pt/~cdpm/index.htm
IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317